

[< Voltar](#)

Anotações da Aula 4

Neste módulo, vimos os seguintes tópicos:

- Hexadecimal
- Endereços de Memória
- Ponteiros
- Strings
- Aritmética de ponteiros
- Compare e copie
- Valgrind
- Valores de lixo
- Swap/Troca
- Layout de memória
- scanf
- Arquivos
- Gráficos

Quero compartilhar meu aprendizado e/ou minha dúvida...

[Ir para o Fórum](#)[Ir para o Discord](#)

Recomendamos que você leia as anotações da aula, isso pode te ajudar!

Hexadecimal

Na semana 2, falamos sobre memória e como cada byte tem um endereço, ou identificador, para que possamos nos referir a onde nossos dados estão realmente armazenados.

Acontece que, por convenção, os endereços de memória usam o sistema de contagem **hexadecimal**, ou base-16, onde existem 16 dígitos: 0-9, e AF como equivalentes a 10-15.

Vamos considerar um número hexadecimal de dois dígitos:

16^1	16^0
0	A

- Aqui, o A na casa das unidades (uma vez que $16^0 = 1$) tem um valor decimal de 10. Podemos continuar contando até **0F**, que é equivalente a 15 em decimal.

Depois de **0F**, precisamos carregar o um, pois iríamos de 09 para 10 em decimal:

16^1	16^0
1	0

- Aqui, o **1** tem um valor de $16^1 * 1 = 16$, então **10** em hexadecimal é 16 em decimal.

Com dois dígitos, podemos ter um valor máximo de **FF**, ou $16^1 * 15 + 16^0 * 15 = 240 + 15 = 255$, que é o mesmo valor máximo com 8 bits de binário. Portanto, dois dígitos em hexadecimal podem representar convenientemente o valor de um byte em binário. (Cada dígito em hexadecimal, com 16 valores, mapeia para quatro bits em binário.)

Por escrito, indicamos que um valor está em hexadecimal prefixando-o com **0x**, como em **0x10**, onde o valor é igual a 16 em decimal, em oposição a 10.

O sistema de cores RGB convencionalmente usa hexadecimal para descrever a quantidade de cada cor. Por exemplo, **000000** em hexadecimal representa 0 para cada um de vermelho, verde e azul, para uma cor combinada de preto. E **FF0000** seria 255, ou a maior quantidade possível de vermelho. **FFFFFF** indicaria o valor mais alto de cada cor, combinando para ser o branco mais brilhante. Com valores diferentes para cada cor, podemos representar milhões de cores diferentes.

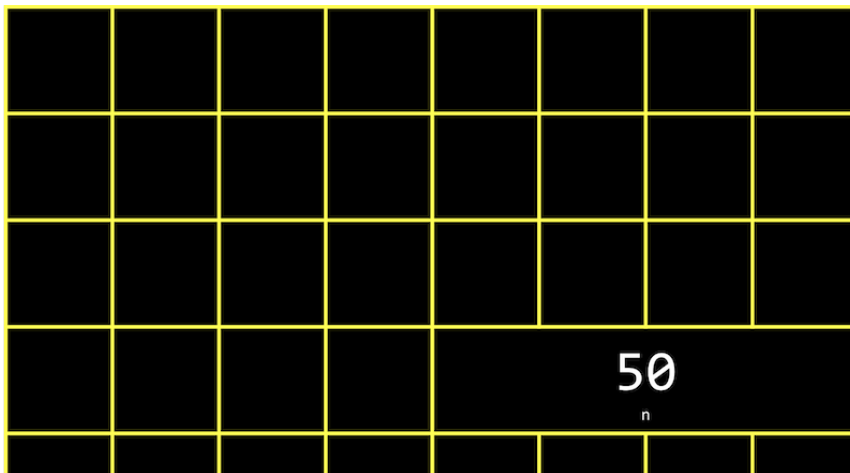
Para a memória do nosso computador, também usaremos hexadecimal para cada endereço ou localização.

Podemos criar um valor `n` e imprimi-lo:

```
#include <stdio.h>

int main(void)
{
    int n = 50;
    printf("%i\n", n);
}
```

Na memória do nosso computador, agora existem 4 bytes em algum lugar que têm o valor binário de 50, rotulados `n`:



Acontece que, com os bilhões de bytes na memória, esses bytes para a variável `n` começam em algum local, que pode ser algo como `0x12345678`.

Em C, podemos realmente ver o endereço com o operador `&`, que significa “obter o endereço desta variável”:

```
#include <stdio.h>

int main(void)
{
    int n = 50;
    printf("%p\n", &n);
}
```

- `%p` é o código de formato de um endereço.
- No IDE CS50, vemos um endereço como `0x7ffd80792f7c`. O valor do endereço em si não é útil, pois é apenas algum local na memória onde a variável está armazenada; em vez disso, a ideia importante é que podemos usar esse endereço mais tarde.

50, já que esse é o valor no endereço de **n**:

```
#include <stdio.h>

int main(void)
{
    int n = 50;
    printf("%i\n", *&n);
}
```

Ponteiros

Uma variável que armazena um endereço é chamada de **pointer** (“**ponteiro**”), que podemos pensar como um valor que “aponta” para um local na memória. Em C, os ponteiros podem se referir a tipos específicos de valores.

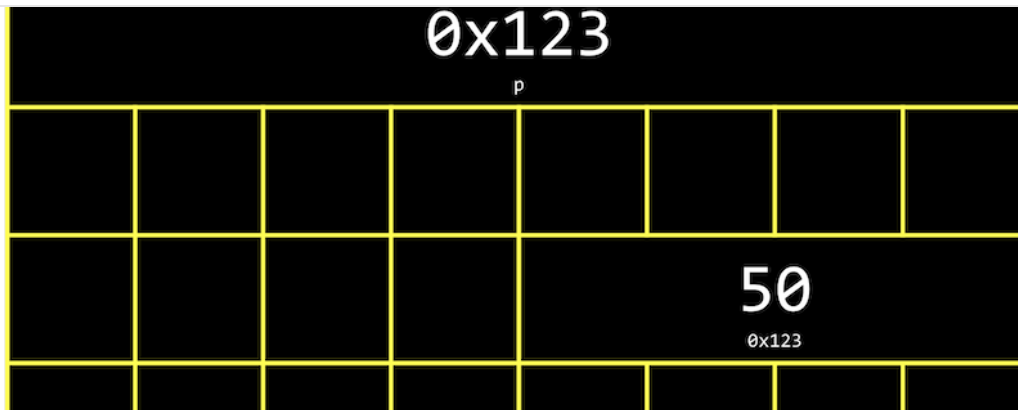
Podemos usar o operador ***** (de uma forma infelizmente confusa) para declarar uma variável que queremos que seja um pointer:

```
#include <stdio.h>

int main(void)
{
    int n = 50;
    int *p = &n;
    printf("%p\n", p);
}
```

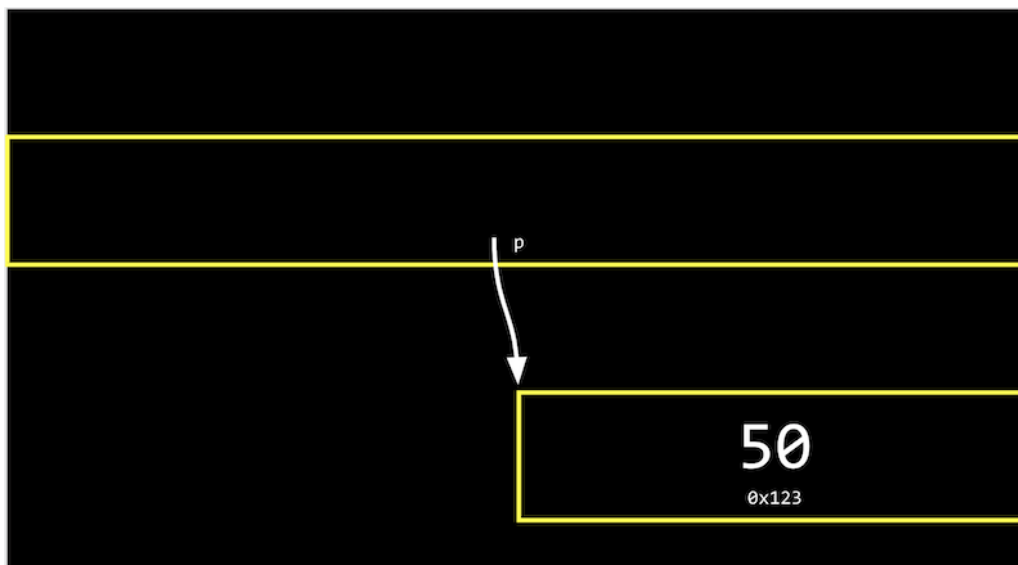
- Aqui, usamos **int * p** para declarar uma variável, **p**, que tem o tipo *****, um ponteiro, para um valor do tipo **int**, um inteiro. Então, podemos imprimir seu valor (um endereço, algo como **0x12345678**), ou imprimir o valor em sua localização com `printf ("%i\n", *p);`.

Na memória do nosso computador, as variáveis serão assim:



- Como **p** é uma variável em si, está em algum lugar na memória e o valor armazenado lá é o endereço de **n**.
- Os sistemas de computador modernos são de “64 bits”, o que significa que eles usam 64 bits para endereçar a memória, então um ponteiro terá na realidade 8 bytes, duas vezes o tamanho de um inteiro de 4 bytes.

Podemos abstrair o valor real dos endereços, uma vez que eles serão diferentes conforme declaramos variáveis em nossos programas e não muito úteis, e simplesmente pensar em **p** como "apontando para" algum valor:



No mundo real, podemos ter uma caixa de correio identificada como “p”, entre muitas caixas de correio com endereços. Dentro de nossa caixa de correio, podemos colocar um valor como **0x123**, que é o endereço de alguma outra caixa de correio **n**, com o endereço **0x123**.

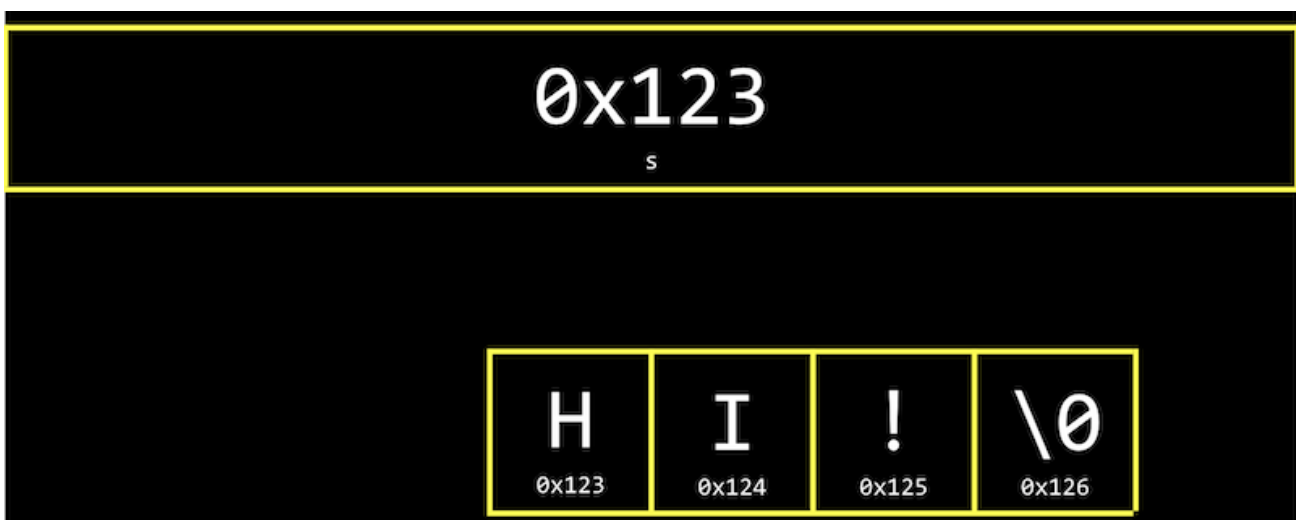
Strings



Mas acontece que cada caractere, por estar armazenado na memória, também possui algum endereço exclusivo, e **s** é na verdade apenas um ponteiro com o endereço do primeiro caractere:



E a variável **s** armazena o endereço do primeiro caractere da string. O valor **\0** é o único indicador do final da string:



- Já que o resto dos caracteres estão em um array, um apos o outro, podemos começar no endereço indicado no **s** e continuar lendo um caractere de cada vez a partir da memória até chegarmos no **\0**.

Vamos imprimir uma string:

```
#include <cs50.h>
#include <stdio.h>

int main(void)
{
    string s = "HI!";
```

pois estamos imprimindo o endereço na memória do primeiro caractere da string.

Se adicionarmos outra linha, `printf("%p \n", &s[1]);`, de fato vemos o próximo endereço na memória: `0x4006a5`.

Acontece que a `string s` é apenas um ponteiro, um endereço para algum caractere na memória.

Na verdade, a biblioteca CS50 define um tipo que não existe em C, `string`, como `char *`, com `typedef char *string`. O tipo personalizado, `string`, é definido apenas como um `char *` com `typedef`. Então `string s = "HI!";` é o mesmo que `char *s = "HI!";`. E podemos usar strings em C exatamente da mesma maneira sem a biblioteca CS50, usando `char *`.

Pointer arithmetic/Aritmética de ponteiros

Pointer arithmetic (“aritmética de ponteiros”) são operações matemáticas em endereços com ponteiros.

Podemos imprimir cada caractere em uma string (usando `char *` diretamente):

```
#include <stdio.h>

int main(void)
{
    char *s = "HI!";
    printf("%c\n", s[0]);
    printf("%c\n", s[1]);
    printf("%c\n", s[2]);
}
```

Mas podemos ir diretamente para os endereços:

```
#include <stdio.h>

int main(void)
{
    char *s = "HI!";
    printf("%c\n", *s);
    printf("%c\n", *(s+1));
}
```

um byte acima, ou o próximo caractere. `s[1]` é açúcar sintático para `*(s+1)`, equivalente em função, mas mais amigável para ler e escrever.

Podemos até tentar ir para endereços na memória que não deveríamos, como com `*(s+10000)`, e quando executarmos nosso programa, teremos uma **falha de segmentação(segmentation fault)** ou travar como resultado de nosso programa tocar na memória em um segmento que não deveria.

Compare e copie

Vamos tentar comparar dois inteiros que o usuário forneceu:

```
#include <cs50.h>
#include <stdio.h>

int main(void)
{
    int i = get_int("i: ");
    int j = get_int("j: ");
    if (i == j)
    {
        printf("Igual\n");
    }
    else
    {
        printf("Diferente\n");
    }
}
```

- Compilamos e executamos nosso programa, e ele funciona como esperávamos, com os mesmos valores dos dois inteiros nos dando “igual” e valores diferentes “diferente”.

Quando tentamos comparar duas strings, vemos que os mesmo inputs estão fazendo com que nosso programa imprima "Diferente":

```
#include <cs50.h>
#include <stdio.h>

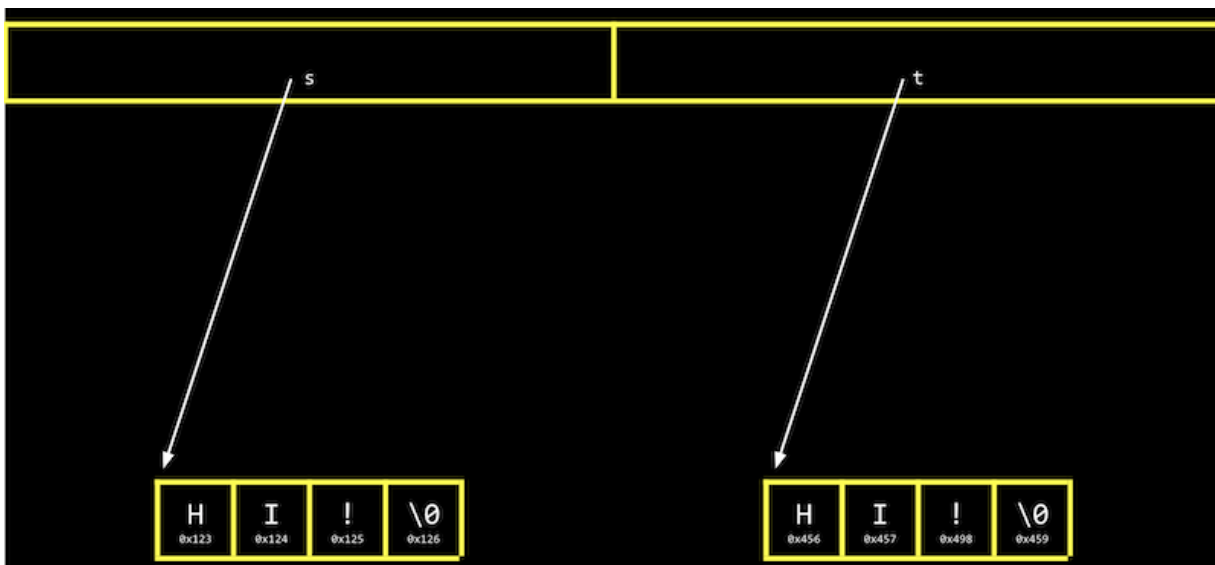
int main(void)
```



```
if (s == t)
{
    printf("Igual\n");
}
else
{
    printf("Diferente\n");
}
```

- Mesmo quando nossos inputs são os mesmos, vemos "diferente" impresso.
- Cada "string" é um ponteiro, **char ***, para um local diferente na memória, onde o primeiro caractere de cada string é armazenado. Portanto, mesmo se os caracteres na string forem iguais, isso sempre imprimirá "Diferente".

Por exemplo, nossa primeira string pode estar no endereço 0x123, nossa segunda pode estar em 0x456 e **s** terá o valor de **0x123**, apontando para aquele local e **t** terá o valor de **0x456**, apontando para outro local:



E **get_string**, esse tempo todo, retornou apenas um **char ***, ou um ponteiro para o primeiro caractere de uma string do usuário. Como chamamos **get_string** duas vezes, recebemos dois ponteiros diferentes de volta.

Vamos tentar copiar uma string:

```
#include <cs50.h>
#include <ctype.h>
#include <stdio.h>
```

```
char *s = get_string("s: ");
char *t = s;
t[0] = toupper(t[0]);
printf("s: %s\n", s);
printf("t: %s\n", t);
}
```

- Pegamos uma string **s** e copiamos o valor de **s** em **t**. Em seguida, colocamos a primeira letra em **t** em maiúscula.
- Mas quando executamos nosso programa, vemos que tanto **s** quanto **t** agora estão em letras maiúsculas.
- Como definimos **s** e **t** com o mesmo valor ou o mesmo endereço, eles apontam para o mesmo caractere e, portanto, colocamos o mesmo caractere em maiúscula na memória!

Para realmente fazer uma cópia de uma string, temos que trabalhar um pouco mais e copiar cada caractere em **s** para outro lugar na memória:

```
#include <cs50.h>
#include <ctype.h>
#include <stdio.h>
#include <stdlib.h>
#include <string.h>

int main(void)
{
    char *s = get_string("s: ");
    char *t = malloc(strlen(s) + 1);
    for (int i = 0, n = strlen(s); i < n + 1; i++)
    {
        t[i] = s[i];
    }
    t[0] = toupper(t[0]);
    printf("s: %s\n", s);
    printf("t: %s\n", t);
}
```

- Nós criamos uma nova variável, **t**, do tipo **char ***, com **char *t**. Agora, queremos apontá-lo para um novo pedaço de memória que é grande o suficiente para armazenar a cópia do string. Com **malloc**, nós alocamos algum número de bytes de memória (que já não são utilizados para armazenar outros valores), e nós passamos no número de bytes que gostaríamos de marcar para

uma vez que realmente queremos ir até **n**, o comprimento da string, para garantir que copiaremos o caractere de terminação na string. No loop, definimos **t[i] = s[i]**, copiando os caracteres. Embora possamos usar ***(t+1) = *(s+1)** para o mesmo efeito, é indiscutivelmente menos legível.

- Agora, podemos colocar apenas a primeira letra de **t** em maiúscula.

Podemos adicionar verificação de erros ao nosso programa:

```
#include <cs50.h>
#include <ctype.h>
#include <stdio.h>
#include <stdlib.h>
#include <string.h>

int main(void)
{
    char *s = get_string("s: ");
    char *t = malloc(strlen(s) + 1);
    if (t == NULL)
    {
        return 1;
    }
    for (int i = 0, n = strlen(s); i < n + 1; i++)
    {
        t[i] = s[i];
    }
    if (strlen(t) > 0)
    {
        t[0] = toupper(t[0]);
    }
    printf("s: %s\n", s);
    printf("t: %s\n", t);
    free(t);
}
```

- Se nosso computador estiver sem memória, **malloc** retornará **NULL**, o ponteiro nulo ou um valor especial que indica que não há um endereço para o qual apontar. Portanto, devemos verificar esse caso e sair se **t** for **NULL**.
- Também poderíamos verificar se **t** tem um comprimento, antes de tentar colocar o primeiro caractere em maiúscula.

alocar memória para strings e chama **free** antes do retorno da função principal(**main**)).

Na verdade, também podemos usar a função **strcpy**, da biblioteca de strings do C, com **strcpy(t,s)**; em vez de nosso loop, para copiar a string **s** em **t**.

Valgrind

valgrind é uma ferramenta de linha de comando que podemos usar para executar nosso programa e ver se há algum **memory leak** (“vazamento de memória”) ou memória que alocamos sem liberar, o que pode eventualmente fazer com que o computador fique sem memória.

Vamos construir uma string, mas alocar menos do que precisamos na memória.c :

```
#include <stdio.h>
#include <stdlib.h>

int main(void)
{
    char *s = malloc(3);
    s[0] = 'H';
    s[1] = 'I';
    s[2] = '!';
    s[3] = '\0';
    printf("%s\n", s);
}
```

- Também não liberamos a memória que alocamos.
- Executaremos **valgrind ./memory** após a compilação e veremos muitos resultados, mas podemos executar **help valgrind ./memory** para ajudar a explicar algumas dessas mensagens. Para este programa, vemos trechos como “Gravação inválida de tamanho 1”, “Leitura inválida de tamanho 1” e, finalmente, “3 bytes em 1 bloco são definitivamente perdidos”, com números de linha próximos. Na verdade, estamos gravando na memória, **s[3]**, que não faz parte do que alocamos originalmente para **s**. E quando imprimimos **s**, estamos lendo até **s[3]** também. E, finalmente, **s** não é liberado no final do nosso programa.

Podemos nos certificar que alocamos o número certo de bytes e liberar memória no final:

```
#include <stdio.h>
#include <stdlib.h>
```

```
char *s = malloc(4);
s[0] = 'H';
s[1] = 'I';
s[2] = '!';
s[3] = '\\0';
printf("%s\\n", s);
free(s);
}
```

- Agora, **valgrind** não mostra nenhuma mensagem de aviso.

Garbage Values(valores de lixo)

Vamos dar uma olhada no seguinte:

```
int main(void)
{
    int *x;
    int *y;
    x = malloc(sizeof(int));
    *x = 42;
    *y = 13;
    y = x;
    *y = 13;
}
```

- Declaramos dois ponteiros para inteiros, **x** e **y**, mas não atribuímos valores a eles. Usamos **malloc** para alocar memória suficiente para um inteiro com **sizeof(int)** e armazená-lo em **x**. ***x = 42** vai para o endereço **x** aponta para e define esse local na memória para o valor 42.
- Com ***y = 13**, estamos tentando colocar o valor 13 no endereço que **y** aponta. Mas, como nunca atribuímos um valor a **y**, ele tem um **garbage value** (“**valor lixo**”), ou qualquer valor desconhecido que estava na memória, de qualquer programa que estava em execução em nosso computador antes. Então, quando tentamos ir para o valor lixo em **y** como um endereço, estamos indo para algum endereço desconhecido, que provavelmente causará uma falha de segmentação ou segfault.

Assistimos [Pointer Fun with Binky](#), um vídeo animado que demonstra os conceitos do código acima.

Podemos imprimir valores inúteis, declarando uma matriz, mas não definindo nenhum de seus valores:

```
{  
    int scores[3];  
    for (int i = 0; i < 3; i++)  
    {  
        printf("%i\n", scores[i]);  
    }  
}
```

- Quando compilamos e executamos este programa, vemos vários valores impressos.

Swap(Troca)

Vamos tentar trocar os valores de dois inteiros.

```
include <stdio.h>  
  
void swap(int a, int b);  
  
int main(void)  
{  
    int x = 1;  
    int y = 2;  
    printf("x is %i, y is %i\n", x, y);  
    swap(x, y);  
    printf("x is %i, y is %i\n", x, y);  
}  
  
void swap(int a, int b)  
{  
    int tmp = a;  
    a = b;  
    b = tmp;  
}
```

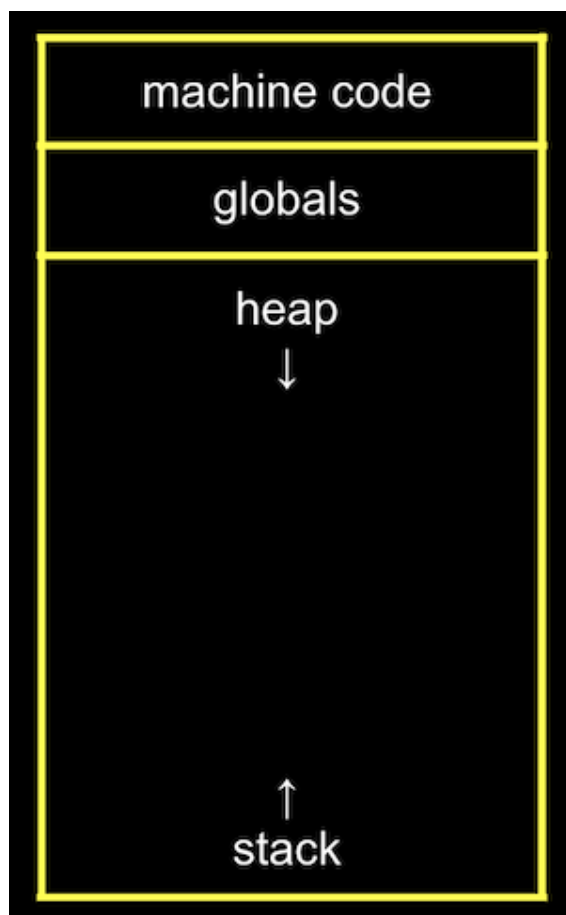
- No mundo real, se tivéssemos um líquido vermelho em um copo e um líquido azul em outro e quiséssemos trocá-los, precisaríamos de um terceiro copo para conter temporariamente um dos

armazenamento temporário. Colocamos **a** em **tmp** e, em seguida, definimos **a** com o valor de **b** e, finalmente, **b** pode ser alterado para o valor original de **a**, agora em **tmp**.

Mas, se tentamos usar essa função em um programa, não vemos nenhuma mudança. Acontece que a função **swap** obtém suas próprias variáveis, **a** e **b** quando eles são passados como argumentos, que são cópias de **x** e **y**, e assim mudar esses valores não mudam **x** e **y** na função **main**.

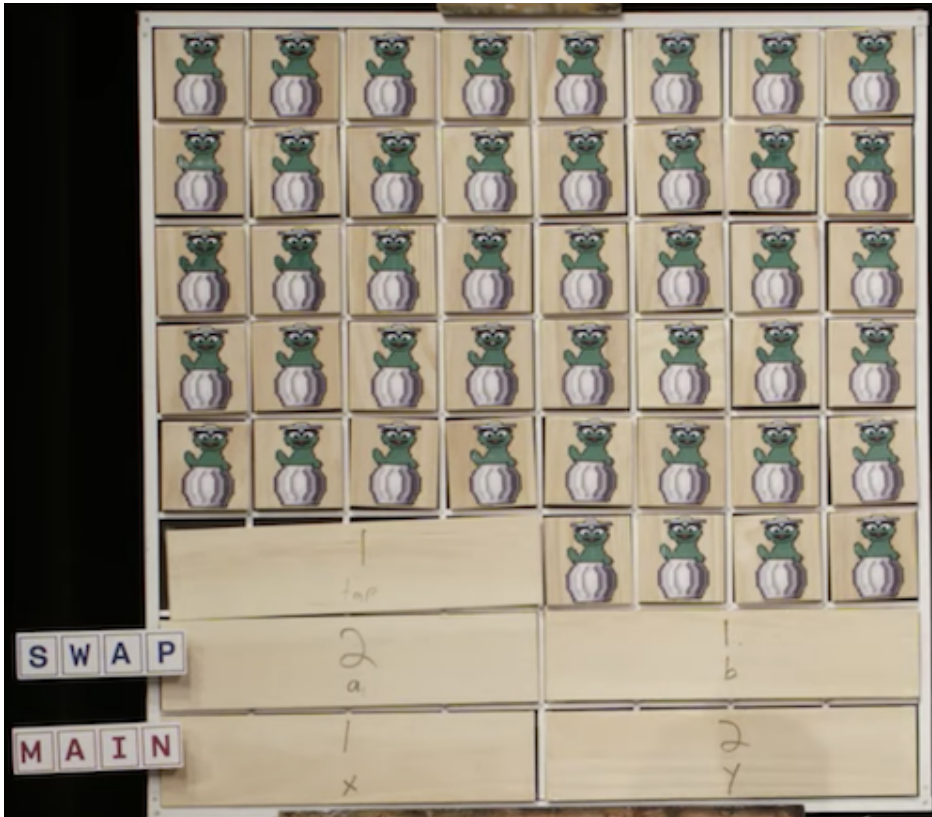
Layout de memória

Na memória do nosso computador, os diferentes tipos de dados que precisam ser armazenados para o nosso programa são organizados em diferentes seções:



- A seção de **machine code** (“código de máquina”) é o código binário do nosso programa compilado. Quando executamos nosso programa, esse código é carregado no “topo” da memória.
- Logo abaixo, ou na próxima parte da memória, estão as **variáveis globais** que declaramos em nosso programa.
- A seção de **heap** é uma área vazia de onde **malloc** pode obter memória livre para nosso programa usar. Como chamamos **malloc**, começamos a alocar memória de cima para baixo.

da **main**, com as variáveis locais **a**, **b** e **tmp**:



Assim que a função **swap** retorna algo, a memória que estava usando é liberada para a próxima vez que a função for chamada. **x** e **y** são argumentos, por isso eles são copiados como **a** e **b** para **swap**, por isso não vemos nossas alterações de volta na **main**.

Ao passar o endereço de **x** e **y**, nossa função **swap** pode realmente funcionar:

```
#include <stdio.h>

void swap(int *a, int *b);

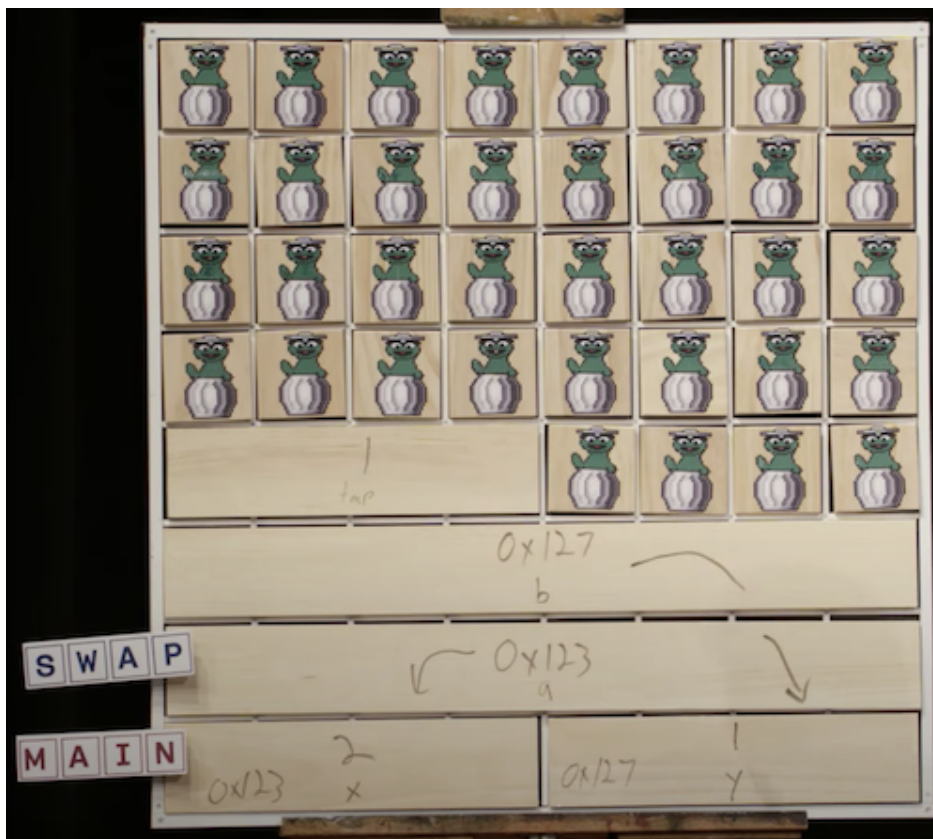
int main(void)
{
    int x = 1;
    int y = 2;
    printf("x é %i, y é %i\n", x, y);
    swap(&x, &y);
    printf("x é %i, y é %i\n", x, y);
}

void swap(int *a, int *b)
```



```
*b = tmp;
}
```

- Os endereços de **x** e **y** são passados na **main** para a **swap** com **&x** e **&y**, e usamos a sintaxe **int *a** para declarar que nossa função **swap** recebe ponteiros. Salvamos o valor de **x** para **tmp** seguindo o ponteiro **a**, e então pegamos o valor de **y** seguindo o ponteiro **b**, e armazenamos isso no local que **a** está apontando para (**x**). Por fim, armazenamos o valor de **tmp** no local apontado por **b** (**y**) e pronto:



Se chamarmos **malloc** para muita memória, teremos um **heap overflow**, uma vez que acabamos ultrapassando nosso heap. Ou, se chamarmos muitas funções sem retornar delas, teremos um **stack overflow**, onde nossa pilha também tem muita memória alocada.

Vamos implementar o desenho da pirâmide de Mario, chamando uma função:

```
#include <cs50.h>
#include <stdio.h>

void draw(int h);

int main(void)
{
```

```
void draw(int h)
{
    for (int i = 1; i <= h; i++)
    {
        for (int j = 1; j <= i; j++)
        {
            printf("#");
        }
        printf("\n");
    }
}
```

Podemos alterar **draw** para ser recursiva:

```
void draw(int h)
{
    draw(h - 1);
    for (int i = 0; i < h; i++)
    {
        printf("#");
    }
    printf("\n");
}
```

- Quando tentamos compilar isso com **make**, vemos um aviso de que a função **draw** se chamará recursivamente sem parar. Portanto, usaremos o **clang** sem as verificações extras e, quando executamos este programa, obtemos uma falha de segmentação imediatamente. **draw** está chamando a si mesmo indefinidamente e ficamos sem memória na pilha.

Ao adicionar um base case (“caso base”), a função **draw** irá parar de chamar a si mesma em algum ponto:

```
void draw(int h)
{
    if (h == 0)
    {
        return;
    }
    draw(h - 1);
    for (int i = 0; i < h; i++)
```

```
printf("\n");
}
```

- Mas se inserirmos um valor grande o suficiente para a altura, como **2000000000** , ainda ficaremos sem memória, já que chamaremos **draw** muitas vezes sem retornar.

Um **buffer overflow** ocorre quando passamos do final de um buffer, algum pedaço de memória que alocamos como um array, e acessamos partes da memória que não deveríamos.

scanf

Podemos implementar **get_int** nós mesmos com uma função de biblioteca C, **scanf**:

```
#include <stdio.h>

int main(void)
{
    int x;
    printf("x: ");
    scanf("%i", &x);
    printf("x: %i\n", x);
}
```

- **scanf** assume um formato, **%i**, então a entrada é “escaneada” para esse formato. Também passamos na memória o endereço para onde queremos que essa entrada vá. Mas **scanf** não tem muita verificação de erros, então podemos não obter um número inteiro.

Podemos tentar obter uma string da mesma maneira:

```
#include <stdio.h>

int main(void)
{
    char *s;
    printf("s: ");
    scanf("%s", s);
    printf("s: %s\n", s);
}
```

caractere em **scanf** e **printf**.

- Agora, se o usuário digitar uma string de comprimento 3 ou menos, nosso programa funcionará com segurança. Mas se o usuário digitar uma string mais longa, **scanf** pode estar tentando escrever além do final de nosso array na memória desconhecida, fazendo com que nosso programa trave.
- **get_string** da biblioteca CS50 aloca continuamente mais memória conforme o **scanf** lê mais caracteres, portanto, ele não tem esse problema.

Arquivos

Com a capacidade de usar ponteiros, também podemos abrir arquivos, como uma lista telefônica digital:

```
#include <cs50.h>
#include <stdio.h>
#include <string.h>

int main(void)
{
    FILE *file = fopen("phonebook.csv", "a");
    if (file == NULL)
    {
        return 1;
    }
    char *nome = get_string("Nome: ");
    char *numero = get_string("Número: ");
    fprintf(file, "%s,%s\n", nome, numero);
    fclose(file);
}
```

- **fopen** é uma nova função que podemos usar para abrir um arquivo. Ele retornará um ponteiro para um novo tipo, **FILE**, de onde podemos ler e escrever. O primeiro argumento é o nome do arquivo, e o segundo argumento é o modo em que queremos abrir o arquivo (**r** para ler, **w** para escrever e **a** para acrescentar ou adicionar).
- Adicionaremos um “checkpoint” para sair, caso não possamos abrir o arquivo por algum motivo.
- Depois de obter algumas strings, podemos usar **fprintf** para imprimir em um arquivo.
- Finalmente, fechamos o arquivo com **fclose**.

Gráficos

Podemos ler em binário e mapeá-los em pixels e cores, para exibir imagens e vídeos. Com um número finito de bits em um arquivo de imagem, porém, só podemos ampliar até certo ponto antes de começarmos a ver pixels individuais.

- Com inteligência artificial e machine learning, no entanto, podemos usar algoritmos que podem gerar detalhes adicionais que não existiam antes, por adivinhação com base em outros dados.

Vejamos um programa que abre um arquivo e nos diz se é um arquivo JPEG, um arquivo de imagem em um formato específico:

```
#include <stdint.h>
#include <stdio.h>

typedef uint8_t BYTE;

int main(int argc, char *argv[])
{
    // Verificar o uso
    if (argc != 2)
    {
        return 1;
    }
    // Abrir o arquivo
    FILE *file = fopen(argv[1], "r");
    if (!file)
    {
        return 1;
    }
    // Ler os primeiros 3 bytes
    BYTE bytes[3];
    fread(bytes, sizeof(BYTE), 3, file);
    // Verificar os três primeiros bytes
    if (bytes[0] == 0xff && bytes[1] == 0xd8 && bytes[2] == 0xff)
    {
        printf("Talvez\n");
    }
}
```

```
    printf("Não\n");  
}  
// Fechar o arquivo  
fclose(file);  
}
```

- Primeiro, definimos um **BYTE** como 8 bits, para que possamos nos referir a um byte como um tipo mais facilmente em C.
- Em seguida, tentamos abrir um arquivo (verificando se realmente obtemos um arquivo não NULL de volta) e lemos os primeiros três bytes do arquivo com **fread** , em um buffer chamado **bytes**.
- Podemos comparar os primeiros três bytes (em hexadecimal) aos três bytes necessários para iniciar um arquivo JPEG. Se forem iguais, é provável que nosso arquivo seja um arquivo JPEG (embora outros tipos de arquivos ainda possam começar com esses bytes). Mas se eles não forem iguais, sabemos que definitivamente não é um arquivo JPEG.

Podemos até copiar arquivos nós mesmos, um byte de cada vez agora:

```
#include <stdint.h>  
#include <stdio.h>  
#include <stdlib.h>  
  
typedef uint8_t BYTE;  
  
int main(int argc, char *argv[])  
{  
    // Garanta o uso adequado  
    if(argc != 3)  
    {  
        fprintf(stderr, "Use: copy SOURCE DESTINATION\n");  
        return 1;  
    }  
    // Abrir o arquivo de entrada  
    FILE *source = fopen(argv[1], "r");  
    if(source == NULL)  
    {  
        printf("Não foi possível abrir %s.\n", argv[1]);  
        return 1;  
    }  
    // Abrir o arquivo de saída  
    FILE *destination = fopen(argv[2], "w");
```

```
        printf("Não foi possível criar %s.\n", argv[2]);
        return 1;
    }
    // Copiar um byte de cada vez do arquivo origem(source) para o arquivo
destino(destination)
    BYTE buffer;
    while(fread(&buffer, sizeof(BYTE), 1, source))
    {
        fwrite(&buffer, sizeof(BYTE), 1, destination);
    }
    // Fechar os arquivos
    fclose(source);
    fclose(destination);
    return 0;
}
```

- Usamos **argv** para obter argumentos, usando-os como nomes de arquivos para abrir arquivos para ler e escrever.
- Em seguida, lemos um byte do arquivo de **origem(source)** em um buffer e gravamos esse byte no arquivo de **destino(destination)**. Podemos usar um **while** loop para chamar **fread** , que vai parar uma vez que não há mais bytes para ler.

Podemos usar essas habilidades para ler e gravar arquivos, recuperando imagens de um arquivo e adicionando filtros às imagens, alterando os bytes nelas, no conjunto de problemas desta semana!

E aí, as notas da aula conseguiram te ajudar?

< Anterior

Próximo >

Em caso de dúvida, envie email para relacionamento@estudar.org.br

[< Voltar](#)

Plataforma de ensino por